

COLEÇÃO L.FERREIRA

ARTE CONTEMPORÂNEA,
PINTURA, DESENHO,
ESCULTURA, FOTOGRAFIA
E INSTALAÇÃO

16 ABRIL A 27 MAIO 2016

Exaltar os Sentidos. Criar arte. Deixar marca.
Construir uma identidade. Indissociável daquilo que vê, apreende, reconhece e partilha com o mundo. O seu mundo e o mundo externo.
Este é o percurso singular e a visão particular do ainda jovem colecionador, filho do concelho e membro deste nosso coletivo.
Esta exposição é o resultado desse percurso. Da assimilação e junção de diferentes formas de arte. Representativas do mundo contemporâneo em que o coletivo de autores/ criadores se insere.
O denominador comum é a sensibilidade harmónica. A vontade inflexível de partilha de uma coleção.
E é neste processo que L. Ferreira encontrou o entusiasmo e a coragem para a partilha de parte da sua coleção.
O Município de Abrantes agradece.
Porque este é o espírito e o compromisso que o Município também assumiu. Convocar as diferentes formas de expressão artística para um projeto ambicioso. Que vai dando os seus passos, seguros e ritmados. Uma longa caminhada que ainda agora se iniciou.

Maria do Céu Albuquerque
Presidente

Simpatias e empatias ou talvez o que é o amor?

“And the dreams that you dare to dream
really do come true.”

E.Y. Harburg, “Over the Rainbow” (1939)

As coisas (sem diferenciar pessoas ou objectos) entram em contacto umas com as outras de diferentes modos e intensidades. Porventura, se o contacto se dá através de um dispositivo externo (ou aplicação virtual), as expectativas são, na maior parte dos casos, controladas e até esperadas. Nestas situações, a fugacidade do encontro entre as coisas torna-se fugidia e, aparentemente, sem promessa de futuro. Contudo, noutras ocasiões, mesmo que se tratem dos mesmos contactos fugazes, algo acontece para se estabeleça uma simpatia entre ambas as partes. Simpatia que, vista como um sentimento positivo em relação a outra pessoa ou objecto, pode ser desvelada por algo que se diz, por um gesto, ou até por nada, apenas acontecendo. A partir desse preciso momento algo se abre como uma fenda de possibilidades que privilegia as expectativas de um espectador não isento. Desde modo, a empatia, como a capacidade de compreender o sentimento ou reação da outra pessoa imaginando-se nas mesmas circunstâncias ou a capacidade de se identificar com outra pessoa e a faculdade de compreender emocionalmente outra pessoa, torna-se uma perspectiva de aquisição das expectativas sonhadas e idealizadas. Neste aparente conflito ou luta, aquilo que se entende por amor aparece em dúbios sentimentos e emoções contraditórias, talvez à procura da sua sorte, ou apenas perdidas no seu rumo. Porém, os mal-entendidos e os enganos apenas são toleráveis se o mesmo código não for perceptível por ambos os intervenientes. Na obra “Hanky Code” (2011) de João Pedro Vale (1976, Lisboa) é necessário entender as cores dos lenços de cornucópias colocados nos bolsos de trás das calças de ganga para que a interacção possa suceder. Caso contrário, o constrangimento do erro pode levantar questões problemáticas. Nas obras “Coroa Real” (2005) e “Sedução (depois de Helena Almeida)” (2007) o artista produz uma ligeira modificação no objecto inicial e original que altera a lógica do próprio objecto, prometendo um jogo cínico de investir um conhecimento mais profundo sobre a dada realidade ou sobre um outro. Como se de uma mudança de papéis se tratasse, essa troca de poderes torna os objectos e as pessoas leais entre si, como se se equilibrassem conjuntamente para que o instável rumo traçado se torne mais pertinente para ambos. A empatia resiste no colocar-se no papel do outro a fim de entender as múltiplas possibilidades de um encontro frutífero e de encontrar um espaço para expor as nossas inseguranças e fragilidades.

O poder dos corpos e o desejo também está presente neste primeiro contacto. Através do tacto,

olfacto, paladar, audição e visão algo acontece, por vezes, mais forte que o pensamento. Nas fotografias “Evento de uma noite” (2009) de Rita GT (1980, Porto) estamos perante a exaltação de histórias antigas através de uma ocasião festiva contemporânea. A artista trajada de minhota exercita-se estranhamente no mobiliário de museus de arte antiga. Esta festa incoerente inicia um momento de êxtase entre os dois corpos estranhos um ao outro. A pintura “S/ título” (2002) de Rui Ferreira (1977, Lisboa) apresenta-nos uma superfície sensível e apetecível que acentua o desejo de consumação do olhar e das sensações que daí provêm. O desenho “Masturbação” (2003) de Pedro Gomes (1972, Nampula, Moçambique) é a concretização desse desejo carnal, que tantas vezes se consome na solidão, também sentido no olhar penetrante dos desenhos negros de Adriana Molder (1975, Lisboa). Talvez seja esse medo que impulsiona o avançar do amor. Talvez seja a possibilidade de existir a solidão que força o encontro e que talvez esse forçar nos engane na veracidade desse mesmo encontro.

Correndo o risco de sofrer ou de cair avançamos para a possibilidade de concretizar um amor incondicional e idealizado. Não porque se tem um conhecimento sobre o outro, mas sim porque avançamos para o desconhecido impulsionados por uma vontade profunda que nos transcende. Esta vontade de possuir sobre o corpo do outro está presente na obra “Debret” (2009) de Vasco Araújo (1975, Lisboa), onde a violência dominante se conjuga com o desejo do dominado, e vice-versa. Mas o risco também se apresenta em “Todos os que caem” (2009), em que um homem é esquecido na sua própria solidão. Talvez se tenha enganado a si próprio, como quem diz coisas apenas para acreditar que são verdadeiras, ou apenas talvez tenha sido enganado pelos seus próprios sonhos e ansiedades. Os desenhos “Pink Family II” (2008) expõem a ruína de um sonho, do poder abalado e caído, e de algo que foi num passado recente e que não volta a ser presente num futuro promissor. A falsa esperança não existe na honestidade e sinceridade dos olhares que se trocam. Existe sim, um carinho desmedido que não cabe no espaço limitado da realidade e que só nos sonhos possibilita a vulnerabilidade dos sentimentos e das emoções.

Os sonhos e as expectativas destabilizam o olhar e a realidade que nos rodeia. A escultura “Linha com diagonal entre duas paralelas de sentido oposto” (2012) e o desenho “Rotações em aceleração ascendente-descendente” (2011) de Inês Botelho (1977, Lisboa) reflectem sobre a perda da orientação cartesiana (horizontal e vertical ou norte e sul) e promovem a dúvida sobre aquilo que estamos a ver ou a sentir. Os momentos delirantes, divertidos e enigmáticos das fotografias de Raquel Melgue (1985, Porto) reflectem sobre a história onírica construída, como se a invenção e a criatividade da imaginação fossem o motor para os riscos emocionais que cometemos. As obras “Estante se serviço (Leitura em diagonal das Páginas Amarelas)” (2009), “The gap between Landscape and Portrait (after Wearing)” (2006) e “Nothing to declare in the spaces to be filled; Nothing to declare in the blank spaces” (2008) de

Rodrigo Oliveira (1980, Sintra) também desconstroem a função dos objectos e, desde modo, a relação que o espectador estabelece com eles. De facto, cada pessoa individualmente, com as suas histórias e conhecimentos, reflecte de modo diferente perante a mesma realidade, mesmo que seja vivida exclusivamente entre duas pessoas. Este desajuste poderá ser o que alimenta as diferenças e a multiplicidade dos indivíduos. Estes desajustes também são visíveis nos desenhos da série “Pigmentação de Portugal” (2011) de Francisco Vidal (1978, Lisboa). Na suposição de desenhos de rostos sobre o mapa de Portugal estabelecemos a discussão entre a hierarquia de poderes, neste caso entre a nação e as pessoas que dela beneficiam ou não. Esta relação de poder não permite julgar maniqueisticamente entre o culpado e o inocente, mas permite indagar sobre as zonas cinzentas que intermedeiam os dois extremos.

A construção, ou a idealização dessa construção, será o que impulsiona o modo como se dá continuidade ao encontro com o outro indivíduo ou objecto. Em ambas as fotografias de Ana Telhado (1981, Setúbal), o olhar sobre estas figuras, e o modo como elas olham e não olham para nós, revela a edificação de um compromisso e de um aparente conforto na concretização de algo entre ambos. Esta constatação do real passa pela construção de um espaço em conjunto criado à medida da necessidade de ambos. A obra “S/ título” (2011) de Felipe Barbosa (1978, Niterói, Brasil) propõe um delírio e uma utopia sonhada que se pode tornar realidade no momento em que é vivida. Ao acrescentar histórias o espaço caseiro, ou lar, também pode ser construído através de uma pele que nos protege das adversidades do exterior. A escultura de Ana Rito (1978, Lisboa) propõe este casulo anatomicamente delirante e inventivo. Contudo, este espaço comum será sempre um lugar de confronto e conforto, em que ambas as posições deverão intervir para a criação de um espaço vivido e de histórias comuns. Este espaço vivido está presente “Vertical Landscape Box” (2007) de Pedro Vaz (1977, Maputo, Moçambique). Confinado num paralelepípedo, a paisagem transforma-se como uma escrita impossível de decifrar os acontecimentos passados, como se de um arquivo idílico se tratasse. A construção de algo comunitário também se reflecte na obra “New Order”, (2009) de Guillaume Viaud (1983, Bernay, França). Através da delimitação da linha do horizonte com fitas métricas tridimensionais podemos estar perante a desmultiplicação dos pontos de vista como forma de premiar o relacionamento entre as coisas que se rodeiam entre si. No desenho de Rosana Ricalde (1971, Niterói, Brasil) o caminho é traçado para vislumbrar uma possibilidade de construção comum. A instalação de Martinha Maia (1976, Caldas da Rainha) propõe diversos desenhos dispostos numa mesa. A tentativa de decifrar esta linguagem torna-se confusa e difusa, o que pode atrair erros, dúvidas e mal-entendidos difíceis de resolver e de ultrapassar.

Contudo algo unilateralmente pode acontecer (mesmo que aconteça aos dois de forma similar) e o amor, anteriormente confirmado, reduz-se em poucas palavras, apenas num esgar da janela. A fotogra-

fia de Rui Calçada Bastos (1971, Lisboa) olha para um exterior inóspito e frio e para uma árvore despida sobre a neve. Neste desencontro, por vezes violento e inesperado, revê-se o passado e prevê-se a dor do futuro. O presente - esse - deixa de existir, à procura de um sentido e de um sentimento. Até as palavras mudam e deixam de ser proferidas para se mostrarem ausentes e darem lugar a um desconfortável silêncio.

Por fim - e no fim - vem a morte na obra "Dead Domesticity Zone" (2012) de Didier Faustino (1968, Paris, França) não como representação de um fim mas, talvez, como a possibilidade de algo novo acontecer. A caveira produzida através de alcatifa doméstica mais se associa a uma máscara protectora que retirada do lar confere ao rosto as formas de uma memória sempre carinhosamente presente. Como se as experiências vividas, boas e más, se revelassem numa camada que nos protege para experiências futuras. Talvez, idealmente, não como um trauma de que se foge, mas como um estabilizador emocional que ampara as nossas dores e mágoas, para que o futuro nos traga um sorriso sentido e nostálgico que nos aconchegue num dia menos bom, para que possamos seguir em frente para um dia cada vez melhor.

As memórias posteriores de um passado vivido residem em ínfimas recordações, coisas que se vivem em conjunto e coisas que se disseram ou que se escreveram. Bem sei que as palavras pouco significado podem ter mas espero que estas se revelem num acto de pura generosidade e honestidade que apaziguem a nossa pequena e digna história.

Por ti e por mim...

Janeiro 2016
Hugo Dinis

ADRIANA MOLDER
ANA RITO
ANA TELHADO
DIDIER FAUSTINO
LUÍS FILIPE BARBOSA
FRANCISCO VIDAL
GUILLAUME VIAUD
INÊS BOTELHO
JOÃO PEDRO VALE
MARTINHA MAIA
PEDRO BARATEIRO
PEDRO GOMES
PEDRO VAZ
RAQUEL MELGUE
RITA GT
RODRIGO OLIVEIRA
ROSANA RICALDE
RUI CALÇADA BASTOS
RUI FERREIRA
VASCO ARAÚJO

©Paulo Sousa

ADRIANA MOLDER



COLEÇÃO L.FERREIRA

ADRIANA MOLDER



ANA RITO



ANA TELHADO



ANA TELHADO



DIDIER FAUSTINO



LUÍS FILIPE BARBOSA



FRANCISCO VIDAL



FRANCISCO VIDAL



GUILLAUME VIAUD

New Order. 2009
mètres pliants et pièces en laiton
160 x 10 x 200 cm



INÊS BOTELHO



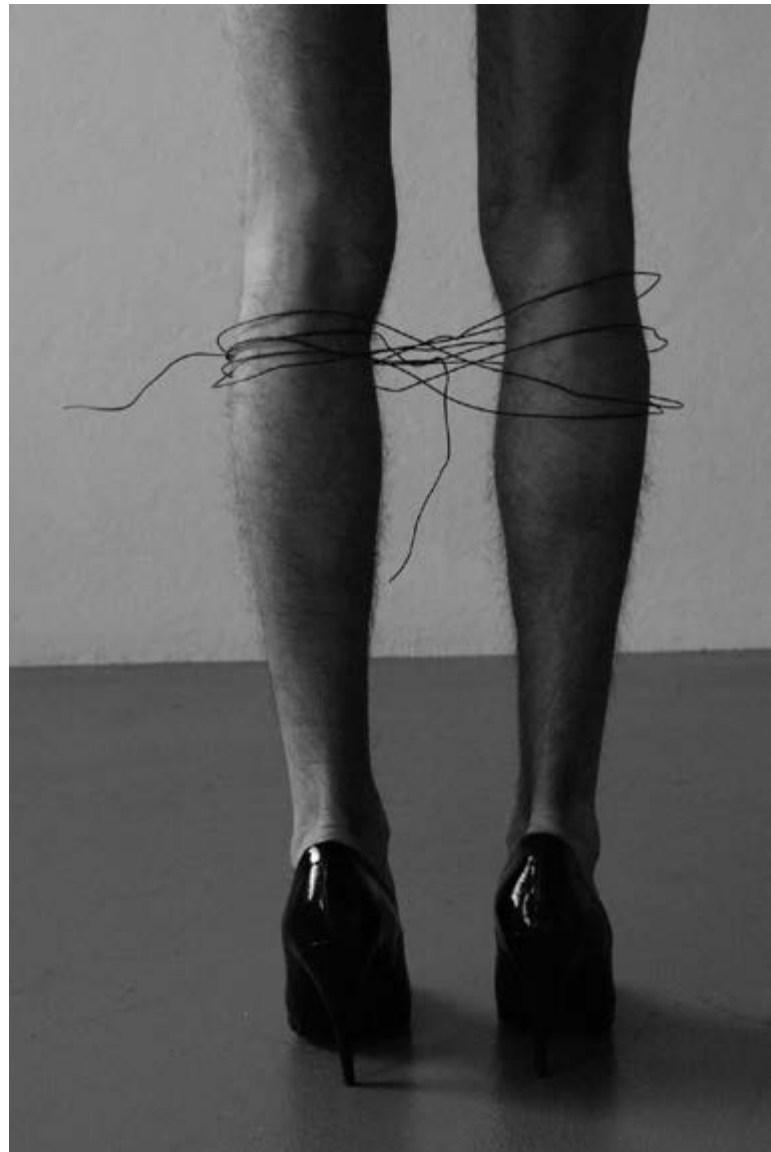
INÊS BOTELHO



JOÃO PEDRO VALE



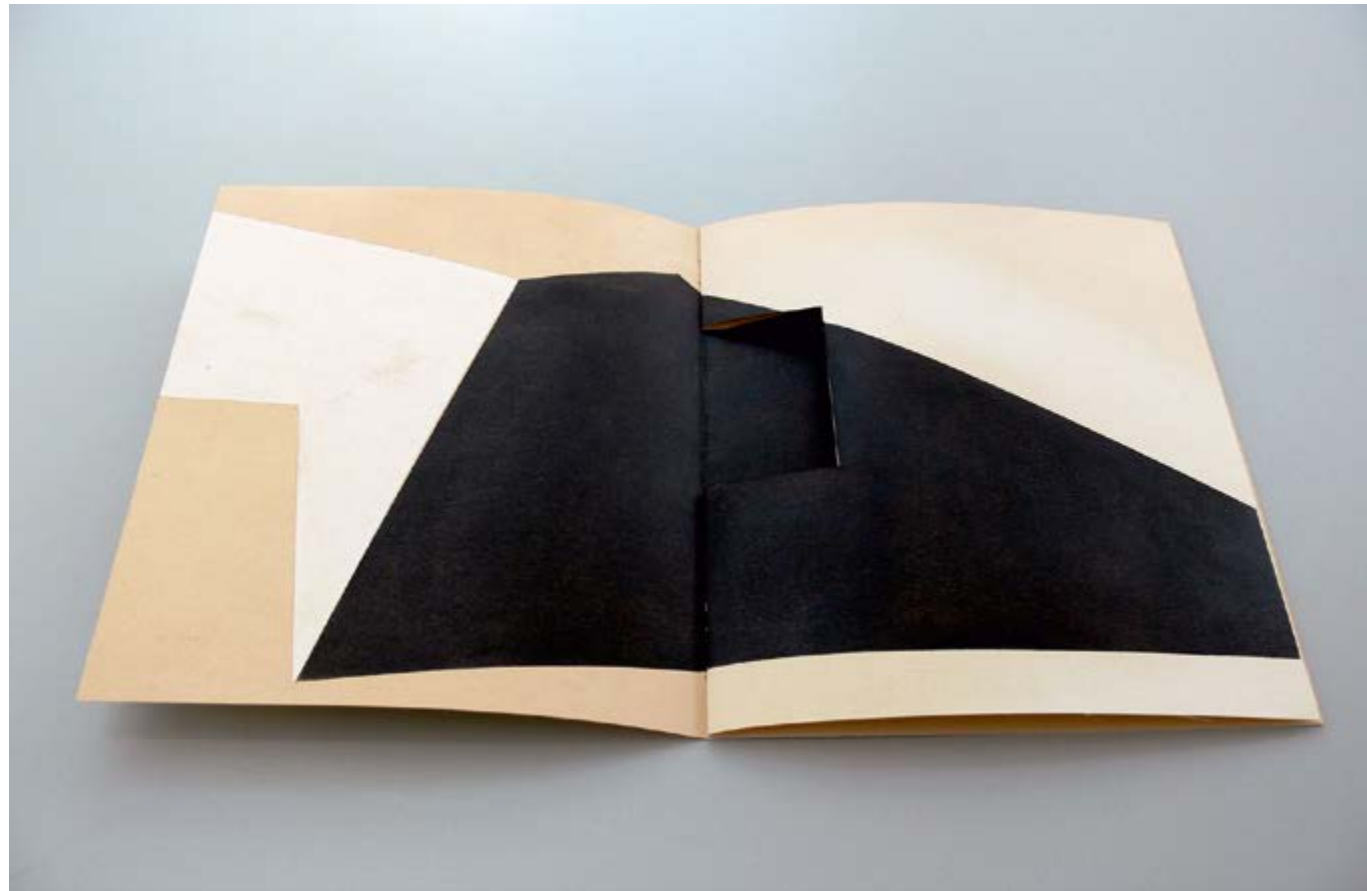
JOÃO PEDRO VALE



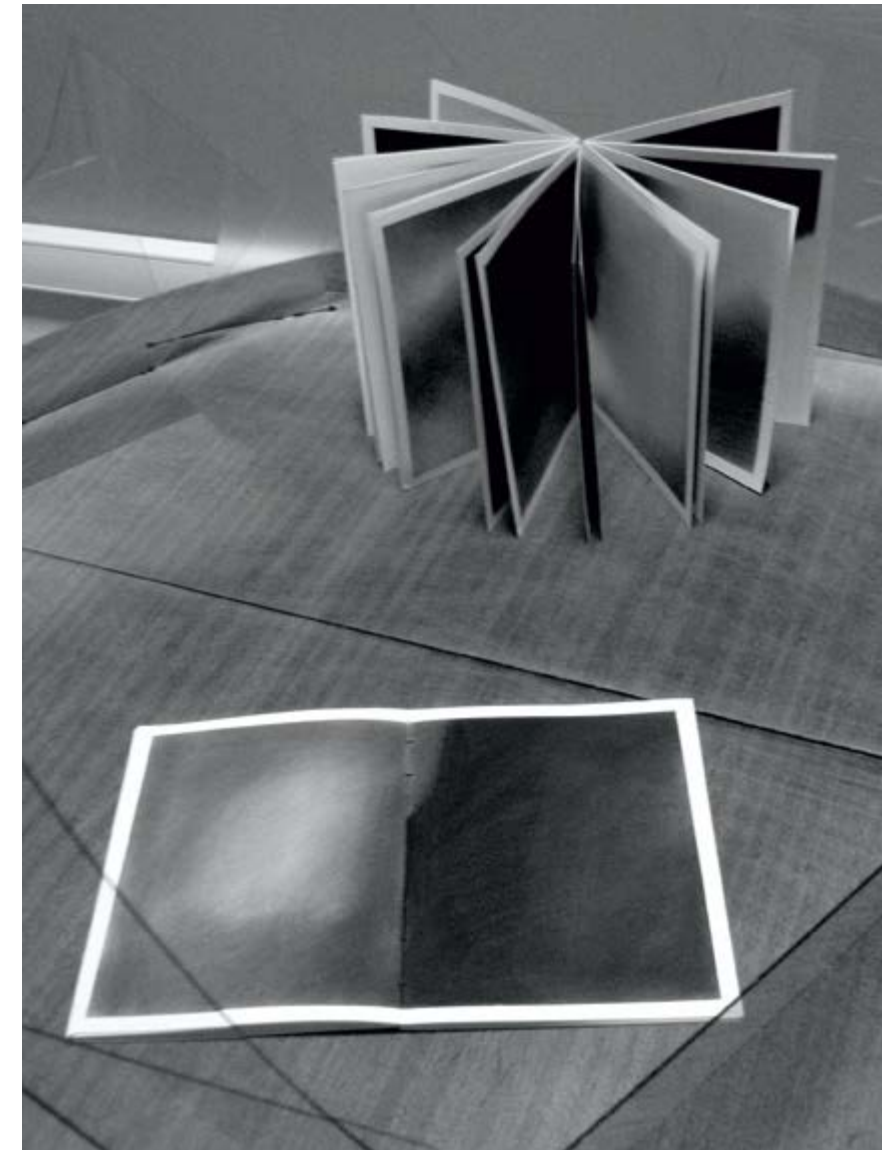
JOÃO PEDRO VALE



MARTINHA MAIA



MARTINHA MAIA



PEDRO BARATEIRO

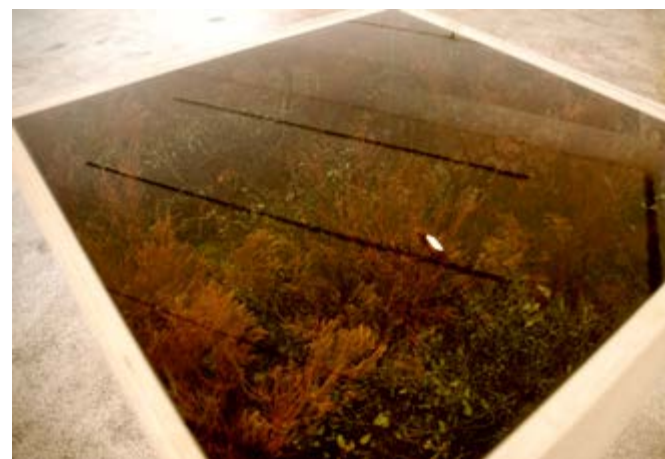
©Paulo Sousa



PEDRO GOMES



PEDRO VAZ



The Aesthetical Expedition into the Bundle of Joy [articide]#2, 2011
3+2PA
lambda print. 80x80cm

RAQUEL MELGUE



RAQUEL MELGUE

The Aesthetical Expedition into the Bundle of Joy [articide]#1, 2011
3+2PA
lambda print. 80x80cm



COLEÇÃO L.FERREIRA

©Paulo Sousa

RITA GT



COLEÇÃO L.FERREIRA

RITA GT

©Paulo Sousa



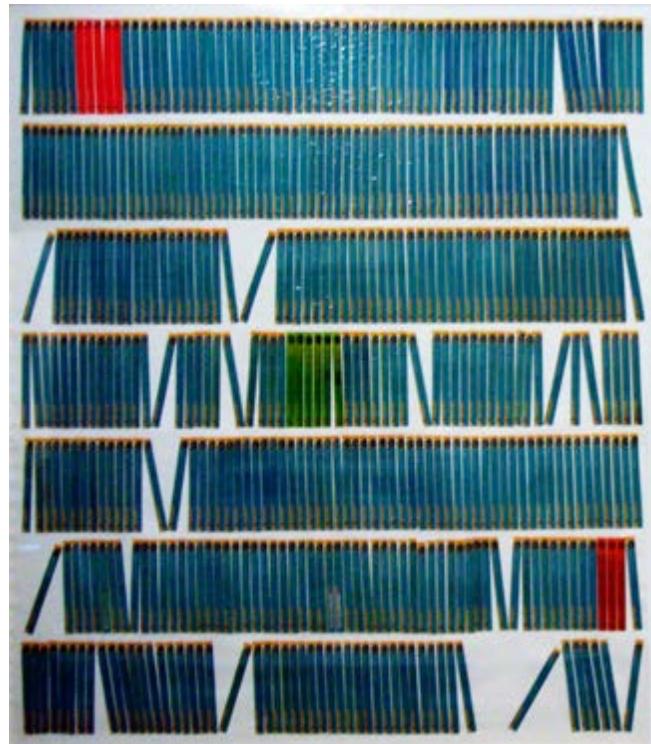
Nothing to declare in the spaces to be filled; Nothing to declare in the blank spaces, 2008
Folhas de papel pintadas com esferográfica, argolas de dossiê moldura de faia 90x120x5cm
Fotografia: Frederico Saraiva

RODRIGO OLIVEIRA



RODRIGO OLIVEIRA

Jornal de serviço
(leitura em diagonal das páginas amarelas),
2009
Díptico. Páginas amarelas cortadas e
coladas sobre papel fabriano, moldura em faixa
140x200x5cm cada
Fotografia: Galeria Presença



RODRIGO OLIVEIRA



ROSANA RICALDE

©Paulo Sousa



RUI CALÇADA BASTOS



RUI FERREIRA



VASCO ARAÚJO

Debret, 2009
Esculturas/ Sculpture
Mesa e ovo em madeira pintada, figuras em fino pintadas, metal e grafite/ Painted wood table and egg, painted fimo figures, metal and graphite.
Texto/ Text: Citações de Padre António Vieira/ Padre António Vieira quotes.



VASCO ARAÚJO

Pink Family, 2008
3 desenhos sobre cartão cor-de-rosa/
3 Drawings in pink cardbord
Texto/ Text: Excertos do livro de Susan Sontag, "
Olhando o sofrimento dos outros" excerpts from
Susan Sontag's "Regarding the pain of the others".
Dimensões variáveis/ Variable dimensions



VASCO ARAÚJO

Todos os que Caem, 2009
All that Fall
Fotografia Digital/ Digital Photograph



ADRIANA MOLDER PÁG. 13
ANA RITO PÁG. 15
ANA TELHADO PÁG. 16
DIDIER FAUSTINO PÁG. 18
LUÍS FILIPE BARBOSA PÁG. 19
FRANCISCO VIDAL PÁG. 20
GUILLAUME VIAUD PÁG. 22
INÊS BOTELHO PÁG. 23
JOÃO PEDRO VALE PÁG. 25
MARTINHA MAIA PÁG. 28
PEDRO BARATEIRO PÁG. 30
PEDRO GOMES PÁG. 31
PEDRO VAZ PÁG. 32
RAQUEL MELGUE PÁG. 33
RITA GT PÁG. 35
RODRIGO OLIVEIRA PÁG. 37
ROSANA RICALDE PÁG. 40
RUI CALÇADA BASTOS PÁG. 41
RUI FERREIRA PÁG. 42
VASCO ARAÚJO PÁG. 43

Agradecimentos:

L. Ferreira agradece ao Hugo Dinis, à Galeria Filomena Soares,
à Raquel Melgue e à Isabel Vaz Lopes.

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Abrantes

ORGANIZAÇÃO
Luís Ferreira
Galeria Quartel - Galeria Municipal de Arte de Abrantes
Gabinete de Comunicação
Câmara Municipal de Abrantes

DESIGN
Gabinete de Comunicação
Câmara Municipal de Abrantes

IMPRESSÃO
Gráfica Sersilito

TIRAGEM
300 exemplares

